

Os desmemoriados do instituto

IV

JOLUMA BRITTO

O documento de Antonio da Cunha de Abreu a que se referiu o historiador Afonso A. de Freitas, em 1926, mostra claramente, que em 1732 os Campinhos, que não é outra cidade senão Campinas, tinha vida ativa e era cultivada. Mas, vamos ler, ainda, o documento da ata da sexta sessão regimental das casas de mais alta cultura histórica do Estado.

"E assim temos, documentadamente — "esclarece aquele historiador", só no ano de 1732 a formação de três pousos na região dos "Campinhos" e nada menos que a construção de novo caminho entre a Vila de Jundiá e o futuro assento da atual Campinas. E mais caminhos e mais "pousos" seriam provavelmente construídos e criados, se Cunha de Abreu empregando todo seu valimento junto ao capitão general Antonio Luiz de Távora não houvesse conseguido do governador da Capitania, em seu favor e de seu cunhado João Bueno da Silva, conjuntamente com a concessão da nova sesmaria de permeio de sua fazenda, no "sitio chamado Campinhos em meio do Mato Grosso, a resolução, com valor de lei, de "como os "poucos" mais vizinhos em semelhante lugar (os Campinhos) edificados como para venda ou roças, costumam mudar os caminhos com o interesse de que os passageiros ai concorram o que é em fraude dos povoadores que estão situados e estabelecidos por lhes ficarem inúteis as ditas sesmarias e lhes ser necessário conservação com a declaração que no caso em que se haja de se mudar o caminho siga a sesmaria do suplicante a mesma ordem, ficando em qualquer caminho no meio da dita légua no que respeita ao sertão com preferência a qualquer outra".

Parece que o pouso fundado por Santos Martins manteve-se por pouco tempo, porém o de Simões Vieira, chamado Pinheiro do nome do ribeirão que lhe corria próximo, teve existência quase centenária sempre em competência mas, afinal, suplantado pelo de Campinhos. Dos mapas que mencionam os "pousos" da estrada que vai para Goyazes, o mais antigo que conhecemos é a Carta Corográfica de 1766. "Nela aparece o "pouso" de Pinheiro a sueste da sesmaria de Campinhos, já então conhecido por Campinas; os mapas de 1792 a 1800 ainda grafam o "pouso" de Pinheiros" apresentando o de 1792, de notável, o errado deslocamento da povoação de Campinas, então já freguesia, para a margem esquerda do Piracicaba, pouco abaixo da confluência dos rios Atibaia e Jaguari.

Desde quando os Campinhos passaram a ser conhecidos por Campinas, não podemos dizer com segurança, mas o que nos parece acima de dúvida, é que a primitiva denominação da paragem onde hoje se assenta a formosa e opulenta cidade de Campos Sales era Campinhos, não só pelo que nos induz a acreditar a documentação já citada, como pelo con-

texto, claro e persuasivo, da primeira carta de data passada em favor do Capitão Abreu. Diz este precioso documento: "Antonio da Silva Caldeira Pimente, etc. Faço saber aos que esta minha carta de data de terras de sesmaria virem que tendo consideração ao que por sua petição me enviou a dizer Antonio da Cunha Abreu, morador nesta cidade, que ele queria cultivar e povoar no caminho das novas minas dos Goyazes, um lugar a quem chamam os "Campinhos", que ficam em meio do Mato Grosso para a parte de Mogi, e lhe ficava por vizinho para a mesma parte, o rio Atibaia, em distância de quatro léguas com pouca diferença e os ditos Campinhos eram três, sendo o maior o do meio; portanto me pedia, lhe fizesse mercê conceder em nome de S. M. por carta de sesmaria uma légua de terra em quadra fazendo peão no "Campinho" maior.

Adite-se às seis léguas entre Jundiá e o pouso de Pinheiros, assinaladas pelo "novo caminho" de Simões Vieira, à "légua e meia" que Santos Martins pretendia encurtar, e teremos as sete e meia léguas que modernamente separam Jundiá de Campinas; consideremos ao norte, a distância de quatro léguas, com pouca diferença, "que separavam os Campinhos do Rio Atibaia, e verificaremos ser essa a distância de "quatro léguas com pouca diferença" que separavam os Campinhos do rio Atibaia, e verificaremos ser essa a distância "com pouca diferença" que mediam entre aquele rio e a cidade de Campinas. Consideremos, ainda, que os Campinhos situavam-se em meio de "Mato Grosso" e que o terreno doado pelo paulista Francisco Barreto Leme para logradouro da povoação de Campinas chamava-se Mato Grosso, e teremos desfeitas todas as dúvidas que pudessem surgir sobre qual fosse a primitiva denominação do território campineiro".

Isso foi o que escreveu, em 8 de maio de 1926, e proclamou na sessão do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo sob a presidência do sr. Afonso A. de Freitas, então presidente da ilustre casa de cultura de nosso Estado.

Pergunta-se, agora, em 1973, por que foi, então, nomeado fundador de Campinas Francisco Barreto Leme, também grafado seu nome por Francisco Barreto Leme do Prado, pelo notável e inesquecível historiador Benedito Otávio, que também pertenceu ao sodalício paulista, como um de seus membros mais eminentes e cultos em matéria de história da cidade. Chegaremos lá; vamos devagar para avivarmos a memória dos ilustres membros da casa do sr. Tito Lívio Ferreira, que ainda representa a de maior tradição na história da terra bandeirante, apenas, agora, integrada por alguns elementos que se esqueceram desse documento, avivado por nós para memória dos que a vão perdendo aos poucos.

Albano do Poro

25-VII-1973

cmp 2.1.30.1.30